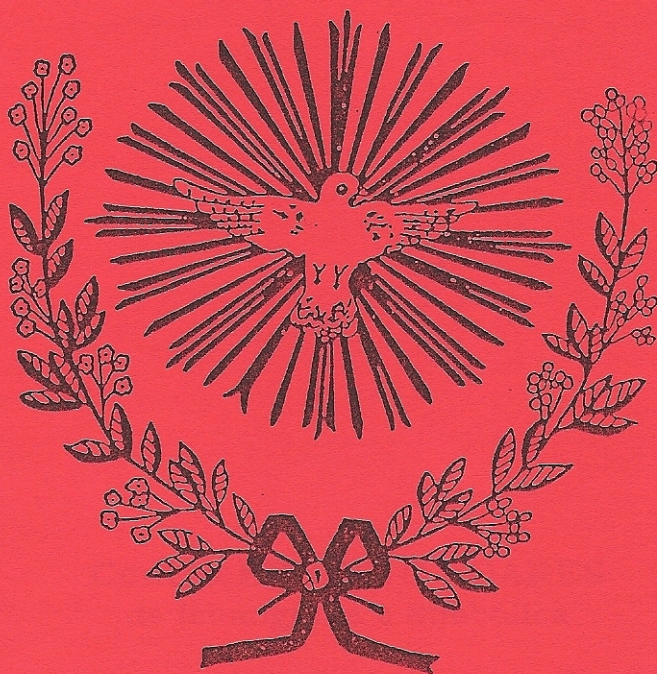


Padre Alberto Pereira Rei



BREVE NOTÍCIA  
DAS FESTAS DO IMPERADOR  
E BODO  
DO DIVINO ESPÍRITO SANTO



**Padre Alberto Pereira Rei**

**BREVE NOTÍCIA  
DAS FESTAS DO IMPERADOR  
E BODO  
DO DIVINO ESPÍRITO SANTO**

# O Auto do Império do Paracleto

## 1. História

A instituição das festas do Império do Divino Espírito Santo celebrando o Pentecostes (representação da descida do Paracleto sobre os apóstolos) anda atribuída à Rainha Santa Isabel, na sua vila de Alenquer, em data que não obteve ainda o consenso dos investigadores.

A. Rodrigues de Azevedo adianta, baseado numa escritura que existiu na Câmara de Alenquer, o ano de 1280, enquanto Jaime Cortesão, adoptando sugestão de frei Manuel da Esperança e tendo à vista documentos do Arquivo de Alenquer, afirma ter sido o Convento de S. Francisco da mesma vila o palco da sua primeira realização, em 1323. Outros autores optam pelo Paço da Vila de Sintra sem, contudo, especificarem a ocasião do evento. Porém, já no Compromisso da Confraria do Espírito Santo de Benavente, o mais antigo que se conhece, coevo da fundação da igreja do Espírito Santo dessa localidade que presumivelmente se verificou no primeiro quartel do séc. XIII, se alude à festividade do Império, o que leva a supôr a sua concretização aí anteriormente a 1280, promovida ou inspirada por franciscanos de tendência espiritual. Os mesmos que secundando o proselitismo de Santa Isabel lograriam levá-la a patrocinar e, porventura, institucionalizar nos inícios do séc. XIV tais festejos com um aparato nunca antes visto, o que terá contribuído para radicar a tradição segundo a qual sob a sua égide e de D. Dinis se haviam originado.

## 2. Difusão

Tamanho foi o êxito alcançado pelas festividades do Divino Paracleto que rapidamente alastraram por todo o país.

A sua vitalidade deveu-se sem dúvida ao facto do culto se ter transformado em devoção popular, com reflexos imediatos na política do estado português.

De resto, o seu apogeu, compreendido entre o séc. XIV e a 1ª metade do séc. XVI, coincide exactamente com o auge da expansão marítima o que não deixa de ser sintomático da íntima relação de causa-efeito, entre ambas as realidades. Jaime Cortesão refere só ter encontrado quatro hospitais colocados sob tal invocação antes de 1321. A partir desse ano e até ao fim de quinhentos listou cinco centenas de cidades, vilas ou aldeias cuja matriz tinha o Espírito Santo por orago, cerca de 80 hospitais e albergarias com suas capelas, um milhar de conventos, capelas de igrejas e principalmente ermidas daquela invocação. A sobrevivência dos ideias que constituem o fundo desta devoção, a bem dizer nacional, passado o seu apogeu processou-se por intermédio do messianismo do Quinto Império, indevidamente reduzido ao Sebastianismo, o qual, para sua própria assunção e sagração, suscitou tal ambiguidade.

Disso é testemunho a convicção expressa no séc. XVII pelo Bispo de Porto, D. Fernando Correia de Lacerda, quando escreve: "E considerando o Império e a Candeia se é lícito ajuizar as alheias acções, principalmente estas que são misteriosas, não podemos deixar de entender que aquela candeia põe a Santa Rainha todos os anos ao Espírito Santo, para que Deus, havendo um só pastor e um só rebanho, estabeleça, em cumprimento da sua promessa, na coroa portuguesa, o império universal do mundo".

## 3. Símbolo

O culto do Divino Espírito Santo sob a forma de Império é expressão exclusiva do mundo lusófono (nos Açores e no Brasil conserva ainda a fidelidade às origens) não tendo qualquer similitude com as devoções homónimas que existem por todo o restante universo católico.

A principal cerimónia da Função, Folia ou Império, consistia, salvo ligeiras variantes regionais, na coroação com três coroas, uma imperial e duas reais, do Menino Imperador assessorado por dois Reis - um homem jovem e outro idoso -, respectivamente na razão das idades do Espírito Santo, do Filho e do Pai. O Menino, símbolo da humanidade espiritualmente renovada e religada às verdades fundamentais da pobreza evangélica e do amor fraterno, empunhava o ceptro, com que tocando a frente se significava a benção do divino, e após ter recebido as homenagens do povo e das autoridades civis, militares e religiosas procedia à libertação dos presos, concluindo os festejos com um budo servido a todos independentemente da sua condição social e constituído por um repasto confeccionado com a carne dos bois previamente corridos, pão, vinho e arroz doce.

O Império do Divino Espírito Santo é, efectivamente, a representação simbólica do advento da Terceira Idade do mundo, numa espécie de Pentecostes nacional, de acordo com a consabida tese que se pode buscar no cisterciense Joaquim de Fiore e nos meios joaquimitas e segundo a qual a história da humanidade percorreria desde a Criação até ao Fim do Mundo três Tempos, vividos cada um sob a influência de uma das três pessoas da Trindade. Assim, a lei mosaica foi própria da Idade do Pai, a lei evangélica da do Filho e a futura lei do Evangelho Eterno sê-lo-á da do Espírito Santo.

O esgotamento da 2ª Idade ou do Filho prenunciará o início do Tempo do Divino Paracleto, era de confraternização universal de cujo advento os portugueses se fizeram arautos, disseminando pelas novas latitudes essas expectativas milenaristas, porém nem sempre da forma mais ortodoxa e conforme aos dogmas romanos. Esse o móbil da perseguição de que os festejos passaram a ser alvo a partir do séc. XVI, nunca o carácter pagão então invocado pela hierarquia eclesiástica e mais tarde pela etnografia arregimentada para mascarar os autênticos motivos. Cada um desses períodos históricos encarnando personalidade própria estaria na origem de diferentes formas religiosas, manifestadas sucessivamente de Oriente para Ocidente.

A sede da Igreja do Pai fora Jerusalém, a do Filho, Roma.

A Terra Santa vindoura onde situá-la? "Nova Roma" chamou Camões a Lisboa. De Maфра se diz que durante um dia há-de ser Roma. Seja como for, os iniciados na doutrina dos espirituais franciscanos identificavam-na com Alenquer. Segundo eles essa era a povoação portuguesa que maiores semelhanças tirava de Jerusalém, a qual constitui no círculo judaico-cristão-islâmico o modelo paradigmático da Cidade Santa, a imagem representativa da teofania, i. e., da revelação divina, daí a primazia dada a Alenquer - curiosamente vizinha de Meca - como pólo da religião nacional do Paracleto.

\*\*\*

O padre Alberto Pereira Rei foi Presbítero secular, natural dos Açores. Esta sua *Breve noticia das Festas do Imperador, e vodo que em honra e louvor do Divino Espirito Santo costumam fazer muitas cidades, villas ou lugares deste Reyno de Portugal, e Ilhas adjacentes, e do Principio também da sua Irmandade* (Lisboa, 1753) é opúsculo raríssimo do qual só se acham recenseados dois exemplares: um na Biblioteca da Academia das Ciências de Lisboa {Livros Reservados: 18-12} e outro na Biblioteca do Palácio Nacional de Maфра [Bib. Volante, 2-55-1-31]. Foi anteriormente reproduzido no *Arquivo dos Açores* (v. 3, 1881, p. 285-299 e, novamente, v. 16) e pelo subscritor no catálogo da exposição *O culto do Espírito Santo* (Tomar, 1980) e no âmbito do curso *História Mítica de Portugal* (Sintra, 1982).

**Manuel J. Gandra**

## NOTÍCIA AO LEITOR

Razão que teve o autor, para dar à luz esta breve notícia da instituição da Irmandade, festejo e Vodo, que em muitas partes deste Reino, e com muita especialidade nas Ilhas dos Açores, faz a inexplicável devoção dos Povos em honra, e louvor do Divino Espírito Santo.

Nesta cidade de Lisboa se acham muitos meus naturais das ilhas dos Açores, e pela maior parte moradores no Mocambo e Nova Colónia, Freguesia da Portentosa Senhora, e Rainha nossa, Santa Isabel, gloriosa instituidora deste festejo, como em seu lugar se dirá. E como nelas têm todos um entranhável, e cordial afecto ao Divino Espírito Santo, movidos do ardente zelo, que o mesmo Senhor em seus corações acenderá, determinaram nesta Corte de o festejar (como na sua pátria faziam) em as sete Domingas, que correm da Páscoa até dia de Pentecostes, principal dia do festejo, em que se coroa o Imperador, dando-se o Vodo de pão, carne e vinho aos pobres e seus devotos em honra do mesmo Senhor.

Assim neste ano de 1753 os ditos Insulanos alcançaram licença de Sua Majestade, e do Eminentíssimo Senhor Cardeal Patriarca, que como zelosos do culto de Deus Senhor Nosso, sem contradição alguma a concederam. Logo participando os mesmos devotos a dita concessão à Ilustríssima, e Reverendíssima Senhora, a senhora Soror Mariana das Estrelas, terceira vez digníssima Abadessa daquele Seminário de virtudes, o Real Mosteiro de Nossa Senhora da Esperança desta cidade, lhe suplicaram também licença para na sua Igreja poderem fazer a festa e coroar o seu Imperador, e no adro dela fazerem o Vodo no dia principal festivo: o que a dita Ilustríssima Senhora Abadessa, e mais Senhoras, não só benignamente concederam, mas ainda lhes louvaram a devoção de festejarem o Divino Espírito Santo; porque há tradição, que já em algum tempo antigo se festejara ali este Divino Espírito com o mesmo festejo. Pelo que deram princípio à dita festa na primeira Dominga depois da Páscoa, DOMINICA IN ALBIS, que neste ano foi aos 29 de Abril, e continuaram até o dia da festa, que foi em 10 de Junho.

Em alguns Domingos destes achando-se presente o autor e observando o que o povo dizia do festejo não visto nesta Corte (ignorando quase todos a sua instituição) ouvia dizer a muitos que era bom modo de tirar dinheiro, a alguns que não era má festa que se fazia, comendo e bebendo, e sempre com zombaria do festejo.

Pelo que, querendo o autor tirar a ignorância aos que não sabem o seu princípio, em honra da Gloriosa Santa Isabel, Rainha nossa, instituidora do tal festejo, e em cuja Freguesia é morador, dá à luz esta breve notícia da instituição da festa do Imperador, e Vodo, que se faz dedicado ao Divino Espírito Santo e juntamente relata alguns milagres que o mesmo Senhor foi servido fazer a alguns devotos; como também os castigos, que os incrédulos e temerários, que zombaram do tal festejo, receberam da sua Divina Justiça; avisando ultimamente a todos queiram concorrer com suas esmolas para se poder perpetuar tão santo culto, pois é muito do seu Divino Agrado.

É tão grande o culto e religião com que os Fiéis Católicos veneram o Divino Espírito Santo, Terceira Pessoa da Santíssima Trindade, nas sete Domingas, que correm da Páscoa até ao dia de Pentecostes, não só em muitas cidades e vilas deste reino de Portugal, mas também em terras do seu domínio, como nas sete ilhas dos Açores no grande mar Oceano, onde com a mais inexplicável devoção, apenas se achara, não digo, cidade, mas nem vila, um lugar, por pobre e limitado que seja, o qual não tribute

obséquio e adoração, com especial festejo público e solene, a este Divino Senhor: havendo para isso Irmandade, e tão antiga, que entre os seus primeiros habitadores foi seu instituidor João Vaz Corte-Real, primeiro Capitão Donatário de Angra da Ilha Terceira, de quem procede a casa do Marquês de Castelo Rodrigo, que hoje existe em Castela, e as rendas na Coroa de Portugal, em memória do milagroso sucesso, que aconteceu a um devoto morador e habitante da Ilha de Santa Maria (uma das sete dos Açores), o qual tendo por sua piedade e devoção escolhido alguns carneiros para os distribuir pelos pobres em honra e louvor do Divino Espírito Santo, no dia de sua festa assinalando-os com uns cordões vermelhos pelo pescoço, mandou-os para o pasto, quando três dias antes da festa não os achando, por lhos terem furtado e comido, se afligiu grandemente pois não se achava com posses para com outros dar satisfação à sua promessa ou complemento ao seu voto. Causa por que, recorrendo a Deus, foi o mesmo Senhor servido deparar-lhe outros tantos à sua porta no Sábado antecedente à sua festa com um sinal vermelho na lã, assim como os orelas, com que tinha marcado os primeiros: conservando-se alguns deles por muitos anos na dita ilha, para evidente testemunho de tão estupendo milagre: e assim se estendeu esta Irmandade por todas as Ilhas pelo católico zelo do dito primeiro Capitão João Vaz Corte-Real, e se tem conservado até os presentes tempos.

Os cultos e festejos, que se fazem na celebridade do Divino Espírito Santo, são tão antigos que, deixadas outras conjecturas, certamente havemos de confessar serem instituídos pela gloriosa Senhora Santa Isabel, por tantas razões nossa Rainha quando fundou na Vila de Alenquer a igreja em honra e louvor do Divino Espírito Santo. Entre outros autores mais sucintamente o declara na forma seguinte o Reverendo Padre José Pereira Baião, Presbítero Secular, na vida que, da Santa Rainha imprimiu juntamente com as das Santas três irmãs, Princesas Sancha, Teresa, Mafalda, e de Santa Joana, no livro *Portugal Glorioso*, no qual a folhas 247 do § 30 até 33 diz assim:

A Rainha Santa Isabel foi instrumento milagroso do grande poder de Deus na fundação da Igreja do Espírito Santo da Vila de Alenquer, aparecendo-lhe este Divino Senhor, Terceira Pessoa da Santíssima Trindade, e Consolador das almas, advertindo-a, que lhe fizesse um Templo a seu nome dedicado; o que ela, em acordando tratou com muita presteza.

Ouvindo Missa, como tinha por costume, primeiro que tudo, depois desceu do Paço à Várzea, por onde corre o rio: logo mandou chamar trabalhadores e Mestres; e entretanto esteve em oração, encomendando a Deus o cuidado desta obra. Vindo eles acharam o Edifício traçado pelos Anjos e os alicerces abertos todos à flor da terra, conforme a mesma Planta que a Santa Rainha debuxara na ideia; quando ela viu este milagre, arrebatada em Deus, esteve quase suspensa por espaço de meia hora: chorava de alegria e, com os joelhos em terra, as mãos levantadas ao Céu, lhe rendia de coração as graças por tão notável favor.

Mandou logo, que abrissem os fundamentos mais altos, sem se tirarem da traça, que o mesmo Céu lhe dera; e a tudo assistia com grandíssimo cuidado. Continuando a obra, passou por este lugar uma moça com umas poucas de rosas, as quais lhe mandou pedir a Rainha Santa; e quando as recebeu, levantou, como era seu costume, as mesmas rosas nas mãos ao céu, dando louvores a Deus, que entre espinhos ásperos criava flores tão belas; despedindo-se à tarde, deu uma rosa a cada um dos oficiais, declarando, que com ela lhe pagava o seu jornal daquele dia inteiro; tomaram isto por graça; porém quando já Sol posto, recolhiam os farnéis, as rosas em suas próprias mãos converteram-se em Dobras, que eram certas moedas de ouro daquele tempo.

Sabendo isto El-Rei, e admirado do caso, pretendeu entrar nos gastos desta milagrosa obra; não lho consentiu a Santa Rainha, mas sim ambos de mão comum lhe aplicaram renda; proveram a Sacristia, fundaram o Hospital, e assentaram as festas, que se deviam fazer ao Espírito Santo pelo decurso do tempo, levantando confraria encabeçada nos Nobres, que sempre a sustentassem.

Principiavam as festas no Domingo de Páscoa da Ressurreição, com uma Procissão soleníssima, que chamam o *Império*, que sai do convento de São Francisco, e se recolhia na Igreja do Espírito Santo, a qual era assim chamada por ir nela, e ser uma principal parte de que ela se compunha, um Imperador acompanhado de dois Reis com suas esposas, e séquito de pajens e nobreza, os quais oferecendo primeiro suas Coroas a Deus N. Senhor no Altar Mor de S. Francisco, eram coroados com elas por mão de um Religioso revestido em hábitos Sacerdotais; e no fim da Procissão as tornavam a ofertar ao Divino Espírito, no Altar Mor da sua igreja, por mão de um Sacerdote, e tornando a ser coroados, assentavam-se num trono debaixo de um docel para assistir às danças, e outros festejos dos Nobres, com que se concluía; instituído tudo misteriosamente pelos ditos Reis, Santa Isabel e seu marido D. Dinis, em obséquio e aplauso do mesmo Senhor, a cuja imitação se veio a instituir e usar pelo tempo adiante o mesmo Império, em outras partes do Reino e Ilhas dos Açores.

Esta Procissão se repetia todos os Domingos de Páscoa até ao Pentecostes, no Sábado, véspera deste, se fazia de tarde a última e muito mais soleníssima, em que se cercava a Vila toda com rolo de cera, que chamam candeia, que a Santa Rainha aplicou para esta festividade: e por meio dela tem Deus obrado raras maravilhas a favor daquele povo.

Esta candeia, que é quantidade de arrobas de cera, se benze primeiro na dita igreja de S. Francisco, e daí, ficando a ponta presa e acesa sobre o Altar Mor, se vai estendendo até á igreja de Nossa Senhora da Assunção de Triana, onde se faz o mesmo; e nas costas da Procissão vai-se recolhendo e oferece-se à mesma Senhora, e depois se reparte pelas mais igrejas, para serviço do culto Divino e nesta se recolhe esta última Procissão, e daqui se passa logo à cerimónia de benzer o pão e a carne, que já está preparada e determinada para se repartir pela Vila e gastar no dia seguinte no Vodo e Casa do Espírito Santo.

Na festa do mesmo Espírito Santo, concluídos os cultos sagrados que faziam os três dias com majestosa devoção, começavam as festas seculares de touros, argolinhas e canas, a que concorria a nobreza de Lisboa e de outras partes do Reino, e em todas estas festas sucederam em anos diversos estupendos milagres. Está ordenado no Compromisso, que se fizesse um Vodo aos Irmãos e devotos, no maior dia da festa, no qual costumam gastar cento e trinta alqueires de trigo com a carne destes touros, que primeiro se corriam na festa antecedente.

Muitos milagres tem havido da Santa Rainha nas ocasiões dos Vodos porque o pão e carne cresceram a olhos vistos cada um no seu paiol, para satisfazer e poder chegar ao grande concurso que se juntava.

Antes disto aconteceu no cozer a carne romper-se a caldeira, daquelas, em que se cozia, e não cair no fogo coisa alguma do caldo: e sendo muitas estas caldeiras, algumas vezes se achou, que nem a fervura nem o caldo, que se tirava com a carne, diminuía a conta da água que se lhe tinha lançado.

Desta maravilha duvidava o cozinheiro del-Rei D. Duarte e se desenganou quando a viu com seus olhos; outras vezes aconteceu estando já concertadas todas as caldeiras, varrida a fornalha, a lenha debaixo, de dentro do lar que se não aquentara em todo aquele ano antes estava húmido saíram línguas de fogo com que se acendeu a fornalha.

Até aqui o dito Padre.

Nas ilhas dos Açores, onde, pela devoção, sempre com tanta fé conservada desde os seus primeiros habitantes, foi Deus Nosso Senhor servido obrar inumeráveis maravilhas, farei memória de algumas próximas e mais notórias dos meus anos que nelas têm sucedido por meio do festejo do Divino Espírito Santo; como também de outras mais antigas, que se acham autenticadas em autores manuscritos das mesmas ilhas que tratam do seu descobrimento.

Também é certo, e se tem visto, que todas as casas em que está o trigo ou vinho para o Vodo do Espírito Santo, se livraram de padecer de incêndio; ainda que pegasse e ardessem casas imediatas; como também livraram de se queimar as casas, em que estava o dito trigo, ou vinho para o Vodo (por castigo de nossos pecados) ficou a tal oferta livre de ruína. Como de próximo sucedeu em 19, no mês de Setembro, a um morador da vila das Velas, na Ilha de S. Jorge, chamado João Machado Valadão: tinha

este em sua casa, em arca fechada, a Coroa e bandeira do Divino Espírito Santo para o ano seguinte coroar de Imperador no dia festivo, que lhe saiu por sorte e votos de Irmandade e juntamente separado um moio de trigo em sacos para com ele ajudar o Vodo; quando no dito mês de Setembro lhe pegou fogo nas casas (por justos juízos) e se lhe queimaram todas, e tudo, quanto nelas tinha, ficando ileso a arca onde estava a Coroa e bandeira do Divino Espírito Santo e o moio de trigo juntamente sem lesão nos mesmos sacos, que uma e outra oferta tiraram debaixo das cinzas daquela ruína, tão perfeitas como dantes, de que à vista desta prodigiosa maravilha ficou o povo espantado e absorto, pois viam as labaredas de fogo investir a arca e logo recuavam no mesmo tempo para trás sem o defender, tendo aquele elemento respeito às ofertas que se dedicam em honra e serviço do Divino Espírito Santo.

Pelos anos de 1718, na Ilha do Pico, a 2 do mês de Outubro rebentou o fogo dos minerais, que tem nas entranhas da terra, de tal sorte, que parecia se acabava o mundo, ficando o espaço de quatro léguas, tanto para Norte, como para a parte Sul, cheias de pedras ou de escamas que parecem montes altos, fazendo pontes pelo mar fora, até onde chegava a fúria dos minerais e entre tão lamentáveis ruínas, não padeceram lesão alguma naqueles lugares, onde o fogo tudo converteu em pedra, algumas casas de moradores, que nelas tinham trigo e vinho dedicado e separado para gastarem no ano seguinte com os Pobres no dia do Vodo do Divino Espírito Santo; estes por meio destas ofertas ficaram com casa e sem fazenda, os mais ficaram somente com as vidas e sem casa nem fazenda. Oh, quão grande é a Misericórdia Divina e altos os seus Juízos!

Outra maravilha, assaz bem espantosa, foi o que sucedeu a um Cavalheiro da Ilha Terceira, chamado Francisco d' Ornelas Paim da Câmara: este achando-se nesta corte no tempo da gloriosa aclamação do Sereníssimo Senhor D. João IV foi mandado àquela ilha pelo mesmo Senhor, para nele se fazer a desejada aclamação; o que tudo felizmente obrou pela sua grande capacidade e pessoa distinta na sua pátria e sendo depois acusado por traidor à Majestade, afirmando os inimigos ele se comunicava com os Castelhanos, que estavam bem fortificados no Castelo daquela ilha e um dos melhores da Europa, vindo o dito Cavalheiro preso para o Limoeiro desta Corte, se processou o caso, em que saiu culpado e sentenciado a degolar, mas como era muito devoto do Divino Espírito Santo, com tanta fé o invocou, prometendo-lhe (se fosse da sua Divina vontade manifestar a sua inocência, dando-lhe vida e liberdade) gastar enquanto vivesse todos os anos com os pobres no Vodo, que se faz em honra e louvor do mesmo Senhor no dia da sua festa seis moios de trigo e seis bois, pois era dos mais ricos morgados daquela ilha.

Enfim sendo processada a sua causa, estando-se lançando a sentença, entrou uma pomba pela janelas dos Passos da Relação e com o voo lançou o tinteiro sobre a sentença, que a borrou. Vendo os Ministros caso tão espantoso e estranho, deram logo conta a El-Rei, o qual certo e capacitado do voto que o Réu tinha feito e juntamente com melhores informações, e devassas, de novo tiradas, inteirado da sua inocência, o mandou livre e absoluto para a sua terra, onde enquanto viveu satisfez a sua promessa, servindo descalço no Vodo, distribuindo com as suas mãos o comer e beber com os pobres; e El-Rei lhe fez mercê da Donataria da Vila da Praia, daquela Ilha, em satisfação dos serviços que lhe fez de sua gloriosa aclamação, a qual pela incúria de seus descendentes, passou Luís António de Bastos, por mercê, que o Fidelíssimo Rei D. João V, de gloriosa memória dela lhe fez ao descendente daquele Cavalheiro e Manuel Inácio de Ornelas Paim da Câmara, hoje actual Capitão Mor da Cidade de Angra da Ilha Terceira.

É tal a fé dos moradores daquelas Ilhas para com o Divino Espírito Santo, que vendo-se em várias ocasiões aflitos com doenças incuráveis, ou com outro qualquer mal contagioso, recorrendo ao mesmo Senhor, e prometendo dar um jantar e levar na

cabeça a Coroa do Divino Espírito Santo em seu louvor, em uma, ou mais das sete Domingas, satisfeito o voto, se acham livres da tal enfermidade.

Sucedeu já caírem as mesas que estavam com o comer cheias de louças, e com os frascos de vinho para os pobres e não se quebrar coisa alguma.

Também muitas vezes tem acontecido terem alguns devotos assinalado os bois, que se hão-de gastar com os Pobres no tal dia e desaparecerem nos pastos, não se podendo deles alcançar notícia e tornarem na véspera a aparecer mansos e obedientes e quase estando para se substituírem outros para satisfação dos seus devotos.

Enfim muitos até nos contractos invocam o favor do Divino Espírito Santo, prometendo-lhe parte do lucro para se gastar no Vodo em honra e louvor do mesmo Senhor: e têm experimentado muitos avanços e aumentos temporais.

Pelo que é para admirar à vista de tão grandes mercês e raras maravilhas, feitas pela Misericórdia do Divino Espírito Santo, Pai dos pobres, Consolador das almas, e Distribuidor das graças e favores, hajam Racionais, que não só duvidem, mas zombem; como muitos, com o pretexto de virtude, diziam: não era servir a Deus com comer e beber; ainda que alguns, pelos infortúnios que padeceram e opressões que tiveram, abrindo os olhos à verdade e louvando os inescrutáveis segredos da Providência Divina, de incrédulos se fizeram os mais crentes e devotos, e pela Misericórdia do mesmo Senhor serviu a sua oposição, ou arrependimento da sua incredulidade para maior lustre e aumento da devoção.

Sendo provido no Bispado de Angra, das ilhas dos Açores, o Excelentíssimo Senhor D. António Vieira Leitão, sujeito de grandes letras e virtudes, Prior que foi da Igreja de Santo Estêvão de Alfama desta Corte, passando ao Bispado no ano de 1693 vendo os muitos gastos que se faziam em todas aquelas ilhas no Vodo do Espírito Santo com o comer e beber com os Pobres e devotos daquele festejo, em que estavam criados, não lhe aprovando a devoção de servirem o Divino Espírito Santo daquele modo costumado, se determinou proibir-lhes e extinguir o tal festejo; mas não sendo obedecido e só sim desprezado o preceito do Prelado, continuaram no seu devoto modo de festejar, vendo ele assim a teima da devoção do seu povo, e escrupulizando na matéria, recorreu a Deus Nosso Senhor, rogando-lhe fosse servido manifestar-lhe se era do seu Divino agrado a proibição que intentava do Vodo que aqueles povos faziam em seu louvor, com comer e beber; a cujas devotas súplicas de um Prelado tão santo, que em sua vida e morte fez muitos milagres, se dignou o Senhor revelar-lhe (ainda com ameaças de castigo) lhes não proibisse os festejos que faziam em sua honra, pelo que mandou logo continuassem sempre na sua devoção, sendo ele depois o mais devoto e crente no festejo do Divino Espírito Santo. Aqui tocarei alguns milagres deste virtuoso Prelado: o primeiro foi o ele profetizar em sua vida, que havia de ser enterrado numa nova Igreja de Nossa Senhora do Rosário, de quem era muito devoto e nela havia de ser Mosteiro de Freiras da Ordem de Santa Clara, erecto e fundado ele por sua ordem o que assim sucedeu como profetizou.

Na vila das Velas da ilha de S. Jorge, havia um Sacerdote Beneficiado na Matriz da mesma vila, chamado Amaro Teixeira Fagundes, sujeito de vida santa, pelas muitas penitências que fazia, e dos mais ricos em bens temporais, dos de sua pátria: indo de visita aquele santo Prelado àquela vila se agradou muito deste Sacerdote, conhecendo-lhe a sua boa vida e desejo de empregar toda a sua riqueza e fazenda em obra, que fosse muito do agrado de Deus. Lhe ensinou que fizesse um Mosteiro de Freiras da Ordem de Santa Clara, dedicado à Virgem Mãe Santíssima do Rosário, pois não havia nenhum de Religiosas naquela ilha e dele muito necessitava, prometendo-lhe ajudá-lo a tão santa obra com seu poder e rendas do seu Bispado, se necessário lhe fosse; de que logo deu os fundamentos à obra e se fez o dito Mosteiro de Nossa Senhora do Rosário, com o número de cinquenta Freiras professoras, dotadas com dotes vitalícios, para sua

côngrua sustentação, e nele entraram as suas primeiras fundadoras, que foram do Mosteiro de Nossa Senhora da Esperança, da cidade de Angra, Ilha Terceira, em companhia do Excelentíssimo Prelado no ano de 17[0]3; ao presente é este Mosteiro um seminário de virtudes, tem já maior número de Freiras professoras por Breve de sua Santidade, que concedeu dez lugares, além dos cinquenta de sua fundação, e fazem o número de sessenta.

Terceira vez tornou este santo Prelado de visita àquela vila, para por termo às penalidades desta vida e cumprir sua profecia; onde faleceu de uma esquinência na segunda oitava do Divino Espírito Santo, no ano de 1713, e sepultado naquele novo Mosteiro de Freiras dedicado à Santíssima Virgem Nossa Senhora do Rosário, assim como ele em sua vida o tinha profetizado; na noite em que ele faleceu viu-se um grande clarão de luz sobre o quarto das casas onde morava o seu confessor, que era o Padre Domingos do Cabo, da Companhia de Jesus, sujeito de grandes letras e virtudes; e mais alguns dos de sua família ouviram uma música Angélica, dentro no quarto onde estava o seu corpo, e sentiram toda aquela noite um suave e fragrante cheiro; três noites choveu maná naquela ilha e nela houve aquele ano muita abundância de trigo e vinho, tendo sido estéril o ano antecedente.

Nesta mesma Vila das Velas, havia outro Sacerdote, chamado Mateus Machado Fagundes, que por devoção de sua mãe e sua, todos os anos punha uma mesa de comer e beber a doze Pobres à sua porta, onde se faz o Vodo comum do Espírito Santo e se coroa o Imperador naquele dia, principal festa de Pentecostes; este tendo a dita sua mãe já decrépita, quase como morta, não quis aquele ano e dia festivo dar a Mesa, como tinha costume, aos Pobres, e só por divertir (pois nisto não gastava coisa alguma) se pôs encostado à sua janela vendo as mesas que estavam pela rua; mas oh, que grandes são os Juízos de Deus! desprega-se e arranca-se a grade da dita janela, e com ela caiu sobre a mesa, que estava debaixo, cheia de comer e beber, que logo quebrantou uma perna, ficando a dita mesa ilesa sem se quebrar coisa alguma dos frascos e louças, que nela estavam cheias de comer, e beber porque dando sobre a mesa logo caiu na rua e juntamente em si, conhecendo ser castigo de Deus invocando no mesmo instante o Divino Espírito Santo e prometendo-lhe que nunca mais faltaria à sua promessa, melhorou e convalesceu satisfazendo a todos os anos em que viveu com muita devoção.

Na Ilha de S. Jorge, em um lugar da Beira, sucedeu outro caso bastante prodigioso, porque foi juntamente castigo e milagres. Nesta havia um capitão bastante rico e abundante de gados que todos os anos tinha por costume gastar um boi no dia do Vodo com os pobres; e tendo assinalado aquele ano outro entre os mais para o ano vindouro o deixou nos pastos, chegando o tempo do dia festivo do Espírito Santo, nas suas vésperas, procurando-o nos pastos para haver de o matar pelo ver tão gordo, forte e formoso mudou se sua antiga tenção, parecendo seria melhor boi para o curro do que para o intento, em seu lugar trouxe uma vaca que matou e deixou pendurada na loja das suas casas fechada com a sua mão; quando no dia seguinte, cedo pela manhã, indo para a esquartejar e com tempo se cozer, acha juntamente o boi que deixara nos pastos, morto, esfolado e pendurado com a vaca, o couro para uma parte e as tripas para a outra, sem que pessoa alguma humana tal fizesse; mas o Senhor assim o permitiu para castigo de sua temeridade.

Em outro lugar da mesma ilha sucedeu um castigo nele só experimentado, e foi que sendo o Pároco dele, o que devia ser mais zeloso no festejo do Divino Espírito Santo, assim com o seu exemplo como com a sua renda, este se opôs com mais alguns, que o seguiram, para que naquele ano se não desse o Vodo costumado de comer e beber, como nos mais anos, por ser o dito Pároco e os de seu séquito os que mais haviam entrar naquele gasto: mandando e ordenando que só no dia festivo se coroasse

o Imperador sem mais gasto algum, o que assim se observou contra a vontade do povo, que tirados da sua devoção, e antigo costume se afligiram de pena, mas Deus Nosso Senhor, que não quer privar uns do bem pela maldade de outros, castigou aos Autores deste atrevimento, principalmente ao Pároco, que foi o que mais experimentou o castigo e juntamente milagre, porque tendo os trigos da{ } suas terras posto em medas na eira para se debulhar, sendo no mês de Julho, tempo em que raras vezes sucede haver enchentes de água, se pôs uma nuvem ou bomba de água (como os Matemáticos lhe chamam) sobre aquele lugar descarregando tanta cópia que quase o subvertia, formando um enchente que buscou e investiu as casas do Pároco, cavando-lhes os alicerces de tal sorte que parecia estavam no ar, sem caírem, que sendo castigo, também foi milagre, e logo lhe levou o trigo da eira sem dele haver mais notícia, sinal nem vestígio; e o mesmo sentiram os mais, que concorreram para que se não desse o Vodo, mas com menos perda e todos logo conheceram o castigo com arrependimento do seu pecado, prometendo de nunca faltarem à devoção do Divino Espírito Santo.

Mais sucedeu no lugar da Urzelina da mesma ilha de S. Jorge, onde não havia vinho para se dar de beber ao povo no dia do Divino Espírito Santo, pois apenas havia uma pipa e não bastava para a terceira parte da gente daquele lugar; puseram esta no terreiro onde se fazia o festejo, beberam todos em todo o dia do Espírito Santo, sem nela se achar diminuição e durou nos dois dias imediatos, oitavas da dita festa, quando não eram suficientes cinco ou seis pipas que se gastam naquele povo em outros anos, que o havia com abundância; mas tudo isto permitiu Deus Nosso Senhor para prêmio da devoção, com que um devoto tinha guardado aquela pipa em um ano que faltou e por causa de uma grande esterilidade o não havia.

Não só nesta ilha mas em todas as mais dos Açores tem Deus Nosso Senhor feito e mostrado tantas maravilhas com os devotos do Divino Espírito Santo, que seria necessário um grande volume: mas a brevidade não permite maior extensão, e só esta basta para dar notícia aos que ignoram a instituição do festejo, e Vodo em louvor do Divino Espírito Santo.

Pelo que à vista de tantos, e tão grandes prodígios e mercês que experimentam todos os que recorrem com fé viva ao Divino Espírito Santo, Terceira Pessoa da Trindade Santíssima, contribuindo com o comer e beber para o Vodo que se faz no festejo do seu dia para o povo que houver na terra onde se faz e que todos confiem que não só neste mundo lhes dará as felicidades que acabam, mas por sua Divina Misericórdia lhes concederá a glória, para que os criou, único festejo que sempre dura e nunca FIM TEM.